

Antonio Chimango

Poemeto

Campestre

POR

Amaro Juvenal

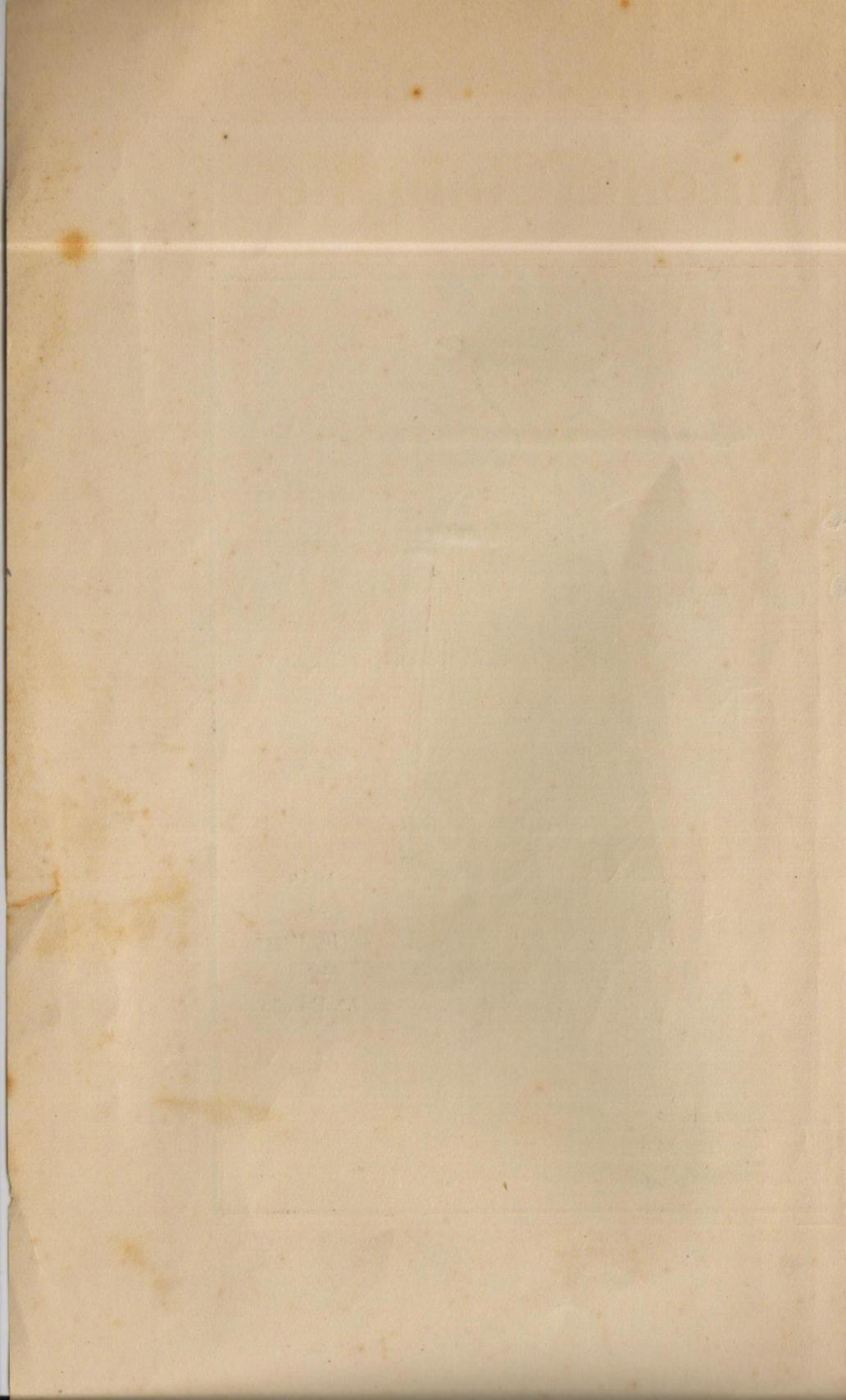


1915

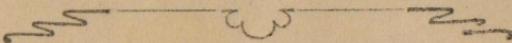
Porto Alegre

2.^a Edição





AO RIO GRANDE



OFFERTA

Velho gaúcho — **Insaciavel**
De fazer aos mandões guerra
Nestas paginas encerra,
Por um pendor invencivel,
Seu amor — **Incorrigivel**
A's tradições desta terra

AMARO JUVENAL.



PORTO ALEGRE.

AO RIO GRANDE

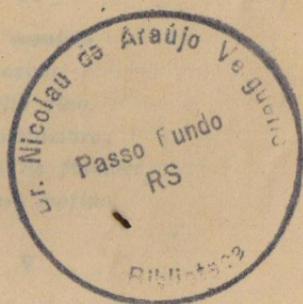
OPORTA

Vello garbido -- Inacriavel
De faxer aos mandões guerta
Zestas paginas encerra
Por um peido inventivel
Ser amor -- Inacriavel
A's tradições desta terra

OPORTA

OPORTA

PRIMEIRA RONDA



PRIMEIRA RONDA



I

Antes da entrada do sol
 Estava a tropa encerrada,
 A porteira bem atada
 Com cuidado e segurança;
 Não vinha lá muito mansa
 E era recém apartada.

II

A cavallada em repente
 Na costa de um alambrado,
 Deixou-se apenas pegado,
 P'ra não se ficar de a pé
 Um redomão panguré
 Que vinha um tanto aplastado.

III

Antes que ficasse escuro
 As camas foi-se arranzando
 C'os arreios e tratando
 De ver lenha p'ra o fogão,
 Que um bom fogo é o galarvão
 De um pobre que anda tropeando.

IV

Carneou-se ali o município
 Era um tourito brazino
 Gordacho e de pello fino,
 Que repontava o matambre;
 Fez-se um bandão de fiambre,
 Ninguém foi n' isso mofino.

V

Comeu-se carne a la farta,
 Depois veio o chimarrão
 Correndo de mão em mão;
 Té que a agua se acabasse
 E a tropa se accomodasse
 Se foi fazendo sprão.

VI

Um piá já bem taludo,
 No ponto de assentar praça,
 Disse ansim, meio por graça
 "Isto é ronda relamboria,
 Quem quer contar uma historia
 Por um trago de cachaça?"

VII

"Pois vá passando a botija,
 P'ra que se lhe sinta o cheiro;
 Ainda está muito terneiro
 P'a bater aspa com outro;
 No meio de tanto potro
 Ha de encontrar um parecero".

VIII

E puxando o barbicacho,
 Pondo o chapéo para a nuca,
 Como quem sente a nuuca,
 Levantou-se o tio Lauterio,
 Mulato velho mui serio,
 Cria de dona Maruca.

IX

Foi logo direito aos troços,
 Trouxe de lá o instormento,
 Ficou pensando um momento,
 E, se apumando direito,
 O Lauterio abriu o pcito
 E assim cantou ao relento:

X

Para les contar a vida
 Saco da mala o bandeuio,
 A vida de um tal Antonio
 Chimango — por sobrenome,
 Magro como lobishome,
 Mesquinho como o demonio,

XI

Nos cerros de Caçapava
Foi que viu a luz do dia,
A' hora d'Ave Maria,
De uma tarde meio suja;
Logo cantou a coruja
Em honra de quem nascia.

XII

Veio ao mundo tão flaquite,
Tão esmirrado e chochinho
Que, ao finado seu padrinho,
Disse espantada a comadre:
“Virgem do céu, Santo Padre!
Isto é gente o passarinho?”

XIII

Você parteira não sabe?
Isto logo se descobre:
Terneiro de campo pobre
Não tem quartos nem papada,
E' produção desgraçada,
Que não vale nem um cobre.

XIV

Coitadinho, está tremendo,
Sente frio o pereca,
“Qual sente frio, isto é séca,
Metta o gury na gamella,
Dê-le uns tirões na canella,
P'ra que não fique guaiepeca.”

XV

Sahiu roxinho de frio,
Ansim meio encarangado,
Como um pintinho pestecado
Sahê debaixo da gotteira;
E o embrulhou a parteira
N'uns paninhos de riscado.

XVI

C' um naco de marmelada,
 Que tirou de uma caixeta,
 Arranjou-lhe uma chupeta,
 Que l'entrouxou pela bocca;
 E, escondidinho na touca,
 Chupou, fazendo careta.

XVII

C'o aquelle doce nos queixos,
 Acudiu logo o mosquedo,
 Foi aprendendo bem cedo
 Que, quem tem doce p'ra dar,
 Fica logo popular,
 Todo o mundo aponta a dedo.

XVIII

Inda aos tres annos mamava
 E só dizia: — teteia,
 N'uma magreza mui feia,
 Quasi como a se sumir,
 P'ra dar um passo ou subir,
 Era só por mão alheia.

XIX

Mesmo ansim tão fanadinho,
 Pescoco cheio de figas,
 Levado por mãos amigas,
 E a benção dos seus padrinhos,
 Foi crescendo aos bocadinhos,
 Cheio de manha e lombrigas.

XX

Então, por aquelles tempos,
 Já faz d'isso um rôr de annos,
 Uma tropa de eiganos
 Acampou--se muito a gosto,
 Aí por perto do posto,
 N'um toldo feito de paunos.

XXI

Logo na manhã seguinte,
 Uma mulher grande e forte,
 Porém, mais feia que a morte,
 N'um passinho de carancho,
 Veiu entrando pelo rancho
 Diz-que p'ra tirar a sorte.

XXII

Principiou a cigana
 Exigindo um candieiro,
 Um pellego de carneiro,
 E uma guampa d'agua fria;
 Mas, o que ella mais pedia
 E' que le dessem dinheiro.

XXIII

Queimava lã do pellego,
 Assoprava na fumaça,
 E, ansim, e'o aquella trapaça
 E seus ares de maluca,
 Armava a sua urupuca,
 Nada fazia de graça.

XXIV

A's meninas les dizia
 Coisas de seus namorados,
 A's velhas de seus peccados,
 Commettidos n'outras eras,
 No bamborral das taperas,
 Ou no fundo dos cercados.

XXV

Chegada a vez do Chimango,
 Deu a mãosinha com medo;
 E ella ansim, meio em segredo,
 Numa lingua atravessada,
 Dando uma grande risada,
 Disse, apontando e'o dedo:

XXVI

Virabosta é preguiçoso,
Mas velhaco passarinho;
P'ra não fazer o seu ninho
Se apossa do ninho alheio;
Este ha de, segundo creio,
Seguir o mesmo caminho.

XXVII

Cobra é bicho traiçoeiro,
Guarachaim disfarçado;
Quando se sente pegado
Deita e se finge de morto;
Matreiro é o novilho torto,
Que se esconde no banhado.

XXVIII

A herva de passarinho
E' praga mui conhecida
E tão mal agradecida
A's arves em que se nutre,
Que, mais feroz que um abutre,
Mata as que le dão á vida.

XXIX

O pescador se aproveita
Da minhoca bicho atôa,
Tambem muita gente bôa
Se serve da mão canhota,
De um couro se faz pelota,
Quando não se tem canoa.

XXX

Ninguem se fie, portanto
Neste tambeiro mansinho;
E o digo porque advinho
E percebo muito bem
Na linha torta que tem
Perto do dedo minguinh,

XXXI

Este, pois, que aqui se vê
C'um geitinho de raposa,
Parece um Mané de Souza,
Mas, isto é só na apparencia;
Inda ha de ter excellencia,
Inda ha de ser grande coisa.

XXXII

Ansim fallou a cigana
E toda a gente se ria
Das bobages que dizia
Sobre a sorte do miudo;
Amigos, aquillo tudo
Timha de ser algum dia.

SEGUNDA RONDA



XXXIII

A terra tal se apresenta
 Tanto a terra e a natureza
 Quando a república se funda
 — A terra e a república —
 Que com toda a liberdade
 Tanto a terra e a natureza

XXXIV

Não há terra sem liberdade
 Não há terra sem liberdade

XXXV

SEGUNDA RONDA

Não há terra sem liberdade
 Não há terra sem liberdade

XXXVI

Não há terra sem liberdade
 Não há terra sem liberdade

XXXVII

Não há terra sem liberdade
 Não há terra sem liberdade

SEGUNDA RONDA

XXXIII

A tropa foi se deitando,
 Pouco a pouco e socegou
 Quando o capataz mandou:
 —Ronda larga e á vontade,
 Que com folga e liberdade
 Nunca o boi se atvorotou.

XXXIV

Não tinha havido desconto,
 Gado mui bem conduzido,
 Sobre tudo bem bebido,
 Pastando em marcha e repontê;
 Até passou n'uma ponte
 Sem mesmo ter percebido.

XXXV

Ninguém lamenta o tropeiro
 Porque leva a vida ingrata,
 Se na lida se maltrata
 Tem muita compensação:
 Tropa mansa, bom rincão,
 Ronda com luar de prata.

XXXVI

Ansím pois que nesta noite
 Foi grande o contentamento:
 Tempo lindo, nenhum vento,
 Matê e carne com fartura,
 Lenha secca e agua pura
 Não faltou no acampamento.

XXXVII

Em derredor do fogão
 Cada qual foi se agitando,
 Uns nas caronas deitando,
 No lombilho outros sentados,
 Dois ou tres acocorados,
 Qu'inda estavam churrasqueando.

XXXVIII

Vinha chegando o Lauterio
E apcou-se do tubuno,
“Chegue-se velho toruno,”
Foi gritando o piásote:
“Eu não gosto de dixote,
“Nem sou matungo reiuno.

XXXIX

“Vá se chegando p'ra ronda,
“Que eu acabei o meu quarto;
“De comer deve estar farto,
“Vá cuidar da obrigação,
“E' do índio a incrinação
“Levar vida de lagarto,

XL

“Não se apotre amigo velho,
Qu'eu não sou índio do matto;
E não é qualquer mulato
Que me governa no mais,
Só me manda o capataz,
Não peão velho barato.”

XLI

“Índio, tu não me conheces,
Fedelho não me dá tombo;
Te está comichando o lombô,
Mas, não penses que este velho
Não pode metter-te o relho
Como em negro de quilombô”.

XLII

O rolo ia sendo preto,
Mas toda a gente interveio
E metteu-se pelo meio;
Que nenhum era bem peço
O mulato um dente secco,
O índio não dava rodeio.

XLIII

O caboclo foi pr'a ronda
De vagar e resmungando;
E o Lauterio se acalmando:
"Dar a'um gury não é gloria."
Vamos continuar a historia
Que hontem les vinha contando.

XLIV

Tinha já mudado os dentes
E andava de camisola
O Chimango, um tromanzola,
Molhava á noite o pellego;
Tinha medo de morcego,
Corria vendo pistola.

XLV

No meio da guryçada,
Quando brincava de laço,
Era o Chimango o paiaço.
Nunca acertava um pealo;
E se montava a cavallo
—Não troteava...era no passo.

XLVI

Andava sempre atempado:
Volta e meia... era churrio.
Pontadas pelo vazio,
Dôr de barriga, enxaqueca,
Catapora, tosse secca...
Mas, nunca tinha fastio.

XLVII

Isso então...era um alarmel
Feijão, milho assado, mel,
Cangica, rolão, pastel...
Tudo, tudo elle topava;
Parece que sempre andava
A's voltas c'o Raphael.

XLVIII

Diz que era fome canina,
 Que o rapazinho soffria;
 Por isso, n'um certo dia,
 Foi levado na garupa
 A um bahiano, um tal Chalupa
 Que applicava mǎopathia.

XLIX

Examinou bem a frente,
 Depois a parte contraria
 E disse: a molestia é varia,
 Como diz a medicina;
 Se não é fome canina,
 Não passa de solitaria.

L

E' um bicho que dá na tripa,
 Com parecença de cobra,
 Comprido e cheio de dobra
 Com muita escaminha branca,
 Que de vereda se arranca
 Dando semente de abobra.

LI

Mas, p'ra que produza effeito,
 Antes de dar a semente,
 Ha de ficar o doente
 Uns tres dias sem comer;
 Expremente e ha de ver
 Qu'isto é um romedio valente.

LII

A esta voz de não comier
 O gury abriu a bocca,
 Ficou como coisa louca,
 Se arranhou, ficou puava;
 Fez um salseiro, gritava,
 Que até ficou c'o a voz rouca.

LIII

Brabinho como um zorrilho
 Com grande marceriação
 Até levantou a mão
 P'ra o bahiano e le quiz dar
 Foi preciso o ameaçar
 C'o a bainha do facão.

LIV

Uma semana depois
 De ter tomado a semente,
 O diabrete, mui contente,
 Sahiu lá de traz do forno
 Trazendo dentro d'um corno
 O que o fazia doente.

LV

Era ansim como um cadaço,
 Vancês nem fazem ideia;
 Tinha seis braças e meia
 E mais dois parmos e picó.
 Na minha vida, chômico,
 Nunca vi coisa mais feia.

LVI

Livre da tal solitaria,
 O Chimango guareceu;
 Não engordou, mas cresceu
 E ficou mais espertinho;
 Foi p'ra casa do padrinho
 Que de pena o recebeu.

LVII

Na Estancia havia uma escola
 Pr'ós filhos da peonada;
 Escola mui relaxada;
 O mestre um velho borracho,
 Que punha livros abaixo,
 Mas, pouco ensinava ou nada.

LVIII

C'uma carta de a b e,
Feita com letra de mão,
Grudada n'um papelão,
E sentado na tripeça,
Por este modo começa
O mestre a dar-le a lição:

LIX

Este é o A, primeira letra,
Que conhecer muito importa;
Veja bem que não é torta;
E' a primeira que se ataca,
Tem um feitio de barraca,
C'um pau cruzado na porta.

LX

Esta é B, tem dois mamullos,
E, para nunca esquecel-o,
Lembre-se d'um pessuelo
Na garupa atravessado,
Um bolço p'ra cada lado
E um travessão p'ra sustel-o.

LXI

Menino, preste atenção;
Não se ponha a olhar p'ra rua
Que o metto já na cafu'a;
Entende, vossa mercê?
Est'outra lettra é o C;
A forma é de meia-lua.

LXII

E, ansim por diante, ensinando
As lettras e'o a parecença,
Era esta a maior sabença
D'aquelle mestre d' escola,
Um grande boeó de mola,
Digo sem fazer-le offensa.

LXIII

Levou tempos o Chimango,
Ru'im como a carne de pá,
Pra sahir do b-a-bá
E chegar ao a-m-ão,
Não era por vadiação,
A cabeça é que era má.

LXIV

Já estava apontando o buço,
Começava a fallar grosso;
Foi na escola um alvoroço,
Que o Chimango ficou tonto,
Quando o mestre o deu por prompto,
Por estar ficando um moço.

TERCEIRA RONDA

LXIII

Em tempo o Chimango
Foi como a carne de peixe
Foi escrito de a-b-a
E chegou no a-m-a
Não era por vaidade
A cabeça é que era ma

LXIV

Ja estava apontando o bico
Consegua a falhar grosso;
Foi na escola um alívio
Que o Chimango ficou bonito
Quando o mestre o deu por bonito
Por estar ficando um pouco

LXV

Estava em casa a fazer
Quando veio o Chimango
Foi na escola um alívio
Que o Chimango ficou bonito
Quando o mestre o deu por bonito
Por estar ficando um pouco

LXVI

Quando o mestre o deu por bonito
Por estar ficando um pouco
Quando o mestre o deu por bonito
Por estar ficando um pouco

LXVII

Quando o mestre o deu por bonito
Por estar ficando um pouco
Quando o mestre o deu por bonito
Por estar ficando um pouco

LXV

De onde eu não sei
De que tempo arribado
Fugiu de quando eu não sei
Um velho gente de nome
Lindo e que anda a ser
De um nome que não troço de

LXVI

De onde eu não sei
De que tempo arribado
Fugiu de quando eu não sei
Um velho gente de nome
Lindo e que anda a ser
De um nome que não troço de

LXVII

De onde eu não sei

TERCEIRA RONDA

De onde eu não sei
De que tempo arribado

LXVIII

De onde eu não sei
De que tempo arribado
Fugiu de quando eu não sei
Um velho gente de nome
Lindo e que anda a ser
De um nome que não troço de

LXIX

De onde eu não sei
De que tempo arribado
Fugiu de quando eu não sei
Um velho gente de nome
Lindo e que anda a ser
De um nome que não troço de

TERCEIRA RONDA

LXV

Do meio dia p'ra tarde
 Se foi o tempo arruinando,
 Soprava de quando em quando
 Um vento quente do norte,
 Assim é que muda a sorte,
 De um pobre que anda tropeço do.

LXVI

Dia quente, de mormaço,
 A gente vinha abombada;
 Custou-me a achar uma uada,
 Onde o boi bebesse a gosto,
 E era já quasi sol posto,
 Não se tinha andado nada.

LXVII

Lá p'ras bandas do preite
 Formou-se uma barra escura,
 A felicidade não dura,
 E é china que não se roga;
 Não ha maneira nem s'ga
 Que a possa manter segura.

LXVIII

Se ouvia ao longo um ruído
 Como de couro a rastejando,
 Ou de uma roda passando
 No tablado de uma ponte;
 E se approximava um monte
 De nuvens negras rolando.

LXIX

O temporal era certo,
 Quem isto sabe não erra:
 Um cheirinho assim de terra,
 Que vem de lá não sei donde
 Avisa que não se ronda,
 Mas que se bu que um encerra.

LXX

Desde a vespra em reboiço,
A tropa custava a andar,
Inda está por se expricoar
Que, muito mais que a gente,
De longe o animal presente
Que o tempo se vai mudar.

LXXI

O capataz foi adiante,
P'ra arranjar uma mangueira
Na estancia da Pitangueira,
Que era d'ali uma legua,
Foi uma sorte, chôegual
Temporal não é brincadeira.

LXXII

Foi o quanto deu p'ra encerrá
E desabou a tormenta,
Quanta vez um home aguenta
Aquella coisa medonha
Firme, porque tem vergonha,
Como quem toma agua benta.

LXXIII

Mui franco, o dono da casa,
Moço guapo e bonanchão,
Offereceu logo o galpão,
Agua, lenha, mate doce;
Parecia até que fosse
A tropa de um seu ermão.

LXXIV

Inda o resto foi mais lindo:
Tinha a estancia muito china,
No galpão fez-se fachina,
Alimpou-se bem o piso;
E armou-se allí, nu'm proviso,
Um baile de relancina.

LXXV

Ninguém contava c'o aquillo,
Que foi mesmo um refrigerio;
A gaita do tio Lauterio
Repinicava e gemia
C'um gosto... que parecia
Que tinha dentro um mysterio.

LXXVI

A's tantas veio o patrão
Ver c'o a familia o fandango,
E disse: chega de tango
Que aqui a minha senhora,
Quer que lhe contem agora
A historia d'um tal Chimango.

LXXVII

P'ra todos se accomodarem
Veio de dentro a mobilia;
Sentou-se a dona e a filha
E uma velha serigaita;
Lauterio esticou a gaita
E rompeu na seguidilha:

LXXVIII

Estancia linda era aquella,
Onde a vista se extendia
Por mais de uma sesmaria
De campo todo gramado;
Era de fama o seu gado,
Quer de córte, quer de cria.

LXXIX

Lá não se via macegá,
Tudo grama de forquilha
Trevo matto e flechilha;
Muita fartura de aguada;
Cada cerca d' invernada
De moirão de coronilha.

LXXXI

Tudo em orde e bem cuidado,
 Cada coisa em seu logar;
 Sabia o dono mandar
 A' peonada gau'cha.
 O coronel Prates, cuêpucha!
 Tinha um dom particular.

LXXXII

Era um homem de respeito,
 Trabalhador, camperago;
 Tinha firmeza no braço,
 Na vista a mesma firmeza;
 Pois, era aquella certeza
 Quando sacudia o laço!

LXXXIII

Boleava como um charrua
 E nunca se atarantava;
 Si, por acaso rodava,
 Nem le prestava attenção;
 Redea e cabresto na mão,
 Fresco e de pé se aprumava.

LXXXIII

Se apparecia algum gringo
 D'esses que vem lá d' Oropa,
 Que não é qualquer que topa
 E que entende o idioma...
 P'ra o coronel era broma...
 O mesmo que fazer tropa.

LXXXIV

E a peonada da Estancia!...
 Isso é que era de se ver!
 Moçada guapa a valer,
 Na porteira do curreal,
 Cada qual, com seu bagual,
 A' espera do amanhecer.

LXXXV

Gente campeira, d'aquella
 Que trabalha e não se aguacha,
 Destoreida e buenacha,
 Não era como a de agora,
 Que só vai a relho e espora,
 Lerda como mula guacha.

LXXXVI

Ao me lembrar d'esses tempos
 De tão grande bizarría,
 Eu até já me esquecia,
 Como quem come mogango,
 Do nosso Antonio Chimango
 Quando da escola sahia.

LXXXVII

Não sahio lendo por cima,
 Mas, um pouco soletrado;
 Ficou sendo um aperreado
 Como tantos que eu conheço,
 Que se vendem por bom preço
 Por terem pello pintado.

LXXXVIII

Ficou p'ra ali de vadio
 C'o a protecção do padrinho,
 Não sabia ir a um visinho
 P'ra levar qualquer recado;
 Era em tudo mui atado,
 E todo encarangadinho.

LXXXIX

Mas, vendo o coronel Prates
 Que se creava um remisso,
 Foi le inventando serviço
 Mesmo ali pelo terreiro:
 Cuidar porco no chiqueiro,
 Puxar agua num petiço.

XO

Socar quiréra p'ros pintos.
Dar milho aos gallos de rinha,
Apalpar cada gallinha
P'ra ver as que tinham ovo;
Ouvir o que dizia o povo
Miudo, lá na cosinha.

XCI

D'esse officio elle gostava
Como peru' de cupim;
Subtil como borlantim
Desempenhava o papel
E informava o coronel
Tudo, tim tim por tim tim.

XCII

Tinha grande habilidade,
Com seu geitinho de mico,
P'ra fazer um mexerico
E armar com macha uma intriga ;
Logo que havia uma briga
Já le mettia no bico.

XCIII

Ia, ás vezes, ao rodeio,
O que raro succedia;
E o Chimango ali se via,
N'uma egua velha de empello,
Atacando o sinuelo...
Que era só p'ra o que servia.

XCIV

No que chegava do campo
O padrinho, elle já rente
C'o a chaleira d'agua quente
P'ra cevar o mate amargo;
A ninguem deixava o encargo,
Nem mesmo estando doente.

XCV

Sempre em grande actividade
Nas tamanquinhas raboras,
Ora enchugava as caronas,
Ora ia limpar o apero,
Ou fazer isca p'ra o isqueiro
Ou puxar-le as russilhonas

XCVI

Ansím foi, como o caruncho,
Que penetra n'um pau duro,
Abrindo aos poucos o furo
No bem querer do padrinho,
O Chimango era espertinho
Em preparar o futuro.

QUARTA RONDA

QUARTA RONDA

XCVII

O Camaquã ficou cheio,
Deitou água campo fora.
Ali nos veio a caipora,
Que o destino a ninguém poupa;
Nem tempo p'ra mudar roupa,
Nem p'ra desatar a espora.

XCVIII

Quando o tempo ansim desaba
E a chuva bate de agoite,
Não ha peão que se amoite
Ou se deite na macega:
Porque a tropa não socega,
Quer de dia quer de noite.

XCIX

Arisca e redemoinhando
A tropa estava arengueira,
Se não fosse tão campêra
A peonada e de truz,
Tinha o dono feito cruz
Na marca e havido porquera.

C

Dia e meio ali ficou-se
Parado a beira da enchente,
Mas mui prompto, felizmente,
Foi-se apresentando a baixa,
Entrou, logo o rio na caixa,
Ansim muito de repente.

CI

Era signal de mais chuva,
Não havia que hesitar;
Tinha a tropa que passar
A nado e já, sem demora,
Pois, se não passasse agora,
O remedio era voltar.

CII

P'ra dar volta do caminho
Muita coraje é preciso!
Não é tanto o prejuizo,
E' a vergonha que se passa,
Com mais gosto a gente abraça
Uma cascare' de guizo.

CIII

O Lauterio era o ponteiro
E este tinha caracu';
N'um proviso se poz nu',
Era como capivara,
E guasqueando o ma'acara
Com seu rabo de tatu,

CIV

Pinchou-se n'agua e gritou:
Façam cahir bem a ponta,
Que o resto é por minha conta;
Não tenho a pansa furada;
E foi caihindo a novi'hada
Aos magotes meio tonta,

CV

O gado foi descambando,
Que a correnteza era forte;
Mas o dia era de sorte
E o Lauterio, buenacho,
Ganhou porto logo abaixo
Com todo o primeiro córte.

CVI

Vendo a ponta do outro lado,
O resto frechou direito,
Não é lá quarqué sujeito,
Não é quarqué matabobra
Que executa esta manobra
E passa um gado com geito.

CVII

Rondou-se perto do rio
 E em riba d'um cacuruto
 Acendeu-se um fogo bruto
 P'ra a roupa a gente enxugar;
 Estava tudo a pingar
 Não se tinha nada enxuto.

CVIII

A noite ficou bonita,
 A lua vinha nascendo:
 E o Lauterio foi dizendo:
 Amigos, este luar
 Dá saudades de cantar...
 E eu canto dêz que m'intendo.

CIX

Inda tenho que dizer,
 O canto não se acabou
 Que vá dormir quem cançou;
 Eu cantando é que descanço...
 E o mulato ansim de manso
 A historia recomeçou:

CX

Aos poucos foi o Chimango
 Se prepassando a carancho
 Ia fazendo o seu gancho
 E arranjando o seu farnel
 A' sombra do coronel,
 Caladinho e sem desmancho.

CXI

Era o mimoso da Estancia,
 Todos reparavam n'isso;
 Parecia até feitiço
 Aquella predileção!
 Tão grande era a protecção
 Que recebia o magriço.

CXII

De vagar se foi mettendo,
 Todo cheio de mezura,
 Como piolho em costura
 Em tudo o que era da casa;
 E ansim foi criando aza
 Com marcha certa e segura.

CXIII

C'o tempo o coronel Prates
 Se foi sentindo pesado;
 Tinha muito trabalhado
 N'aquella vida campestre,
 Onde elle, com mão de mestre,
 Tinha tudo preparado.

CXIV

Um dia chamou o Chimango
 E disse: escuta, rapaz,
 Vais ser o meu capataz;
 Mas, tem uma condição:
 As redeas na minha mão,
 Governando por detraz.

CXV

Eu não quero ir mais ao campo,
 Já estou ficando grisalho;
 Porém, deixando o trabalho,
 Sou sempre o dono da casa.
 Tu vais recolhendo a vasa,
 Eu manejando o baralho.

CXVI

Sei que tu és maturrango,
 Porém, dou-te a preferencia,
 N'isto está a minha sciencia,
 Escolhendo-te entre os outros;
 Elles sabem domar poftros,
 Mas, tu tens a obediencia.

CXVII

Toda a minha gente é boa
 P'ra parar bem um rodeio,
 Boa e fiel, já lo creio;
 Mas, eu procuro um mansinho,
 Que não levante o focinho
 Quando eu for meter-le o freio.

CXVIII

Quero que me sirvas bem
 E não me estragues o povo.
 E's ainda muito novo,
 Pode que te desconheçam;
 P'ra que todos te obedeam,
 Eu te vou pôr um retovo.

CXIX

O retovo são conselhos
 E normas de proceder,
 Que tu precisas saber
 E conhecer bem a fundo.
 Todos vivem neste mundo,
 Mas, poucos sabem viver.

CXX

Eu podia tomar outro
 P'ra encarregar das prebendas;
 Mas, para evitar contendas
 E que briguem por engodos,
 Pego o mais fraco de todos;
 E assim quero que m'intendas.

CXXI

Então chamou o Aureliano,
 Pardo velho muito antigo,
 Que conservava consigo
 Assim como secretario;
 Especto do relicario
 De familia muito amigo.

CXXII

Tu', que és conhecedor
 De como tudo se faz,
 Ensina-me a este rapaz
 As manhas de governar,
 Que elle vae desempenhar,
 O cargo de capataz.

CXXIII

Leva-o lá para o teu rancho,
 Vae lhe ensinando os segredos;
 Que elle só conta nos dedos
 E não tem nenhuma pratica;
 Ensina-lhe a tua grammatica
 P'ra desmanchar os enredos.

CXXIV

As ordens foram cumpridas
 Desde logo a todo o risco.
 O Aureliano era um corisco,
 Finorio matriculado,
 Mulato velho marcado,
 Devoto de S. Francisco.

CXXV

A' sombra de uma figueira
 Sentados n'um cabegalho,
 O Aureliano, sem atalho,
 Disse: agora meu menino,
 Eu te vou dar o ensino,
 Do que aprendi no trabalho.

CXXVI

P'ra pegar um pescocheiro
 Que ha sempre algum na tropilha,
 Desses que pouco se ensilha,
 Não precisas ter cansaço;
 Que os bobos puxem o laço,
 Fica-te tu na presilha.

CXXVII

Quando um erro commetteres
 (O que bem se pode dar)
 Não deves ignorar
 Como se sahe da rascada;
 A culpa é da peonada;
 O patrão não pode errar.

CXXVIII

Quando vires um peão,
 Mesmo o melhor no serviço,
 Ir pretendendo por isso
 Adquirir importancia...
 Bota p'ra fora da Estancia
 Mas, sem fazer reboliço.

CXXIX

A regra é — cabresto curto —
 P'ra ter tudo nos seus eixos;
 Sofreção pelos queixos,
 De vez em quando, convem...
 Mesmo aos que procedem bem
 Queixa-te dos seus desleixos.

CXXX

Cada qual tem o seu fraco
 E tambem sua pereva,
 E' por ahí que se os leva,
 Mas, sem dar a perceber;
 Está tudo em se metter
 Com geito o porco na seva.

CXXXI

Predominar sobre todos,
 E mandar com muito arrojo;
 Da adulação não ter nojo,
 E tirar d'ella partido.
 fica d'isto convencido:
 Quem ordenha bebe o apoio.

CXXXII

Não percas isto de vista:
 C'os cotubas ter paciencia,
 C'os fracos muita insolencia,
 Com milicos muito geito;
 Não ter amigos — do peito;
 N'isto está toda a sciencia.

CXXXIII

Dizem que não crer é bom,
 P'ra quem ser forte deseja;
 Mas tu deves ir á igreja
 Bater nos peitos tambem;
 E te fará muito bem
 Pedir que ella te proteja.

CXXXIV

Tu vais receber a Estancia
 E dirás a toda a gente
 Que tu és logar-tenente,
 Que vais mandar como dono;
 Mas não penses que este abono
 Seja moeda corrente.

CXXXV

Conhece bem teu papel,
 Não largues da mão o prumo,
 Por ti só não dês o rumo,
 Nem resolves por ti só;
 Tu carregas o bocó
 E o dono é quem pica o fumo.

CXXXVI

E para te conservares,
 Tu que na lida inda és grego
 E desfructares o emprego
 Sem barulho e sem tropel...
 Cuidado com o coronel,
 Não pises fora do rego.

CXXXVII

Deste modo é que o Chimango,
 Que não valia um cigarro,
 Foi tirando o pé do barro
 C'uma potra nunca vista
 E alevantando a crista,
 Puxando grosso o pigarro.

CXXXVIII

Por aquelle visindario
 Correu logo a novidade,
 Mas, será mesmo verdade?
 O coronel ficou louco!
 Como se metteu no coco
 Tamanha barbaridade?

CXXXIX

Mas, o certo é que o Chimango
 Foi logo colhendo a linha;
 Não entrou mais na cosinha
 E se ausentou do galpão;
 Deu até p'ra guapetão
 Elle que era uma gallinha.

CXL

Toda a gente de S. Pedro
 (Assim se chamava a estancia)
 Com alguma relutancia
 Foi accetando o intruzo,
 Que o coronel p'ra seu uzo
 Encheu de tanta importancia.

CXLI

O povo é como o boi manso,
 Quando novilho atropela,
 Bufo, pula, se arrepela,
 Escrapetea e se zanga;
 Depois... vem lamber a canga
 E torna se amigo d'ella.

CXLII

Home é bicho que se doma
 Como qualquer outro bicho;
 Tem, às vezes, seu capricho,
 Mas, logo larga de mão;
 Vendo no côcho a ração,
 Faz que não sente o rabicho.

CXLIII

Também e' o aquella mudança
 Ninguem notou differença,
 Ficaram todos na crença
 Que o dono é quem dirigia;
 O que o Chimango fazia
 Dependia de licença.

CXLIV

Tinha as pennas de pavão,
 Mas não passava de gralha,
 Era figura de palha
 Para espantar passarinho;
 Armação de pau de pinho
 Que nem serve p'ra cangalha.

CXLV

Ou por sorte, ou por feitiço,
 Ou capricho do destino,
 O certo é que o teatino
 Tornou-se em fim um graudo
 Chegando a abocanhar tudo,
 Tornando-se um pente fino.

CXLVI

Foi ansim como les conta,
 Neste fogão, junto ao rio,
 Quem muita coisa já vio
 Quer na guerra, quer na paz;
 Chimango foi capataz
 Por muitos annos a fio.

XLIII

Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis

XLIV

Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis

XLV

QUINTA RONDA

Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis

XLVI

Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis

XLVII

Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis
Quis dicitur in scripturis

CXLVII

Tanto a gente como a tropa
Vinha muito aborrecida
D'aquella marcha batida
Por dentro de um corredor,
O alambrado é um pavor
P'ra quem anda nesta lida.

CXLVIII

N'essas estradas pelladas,
A's vezes, o dia inteiro,
Em marcha o pobre tropeiro
Não sabe o que ha de fazer;
Nem agua para beber
Mesmo a custa de dinheiro.

CXLIX

Mais valia andar sem poncho
E tropear durante o inverno
Que metter-se nesse inferno
De cercas que não tem fim,
Mas, que seja tudo ansim...
Que bem l'importa ao governo?

CL

O trpoeiro que se amõe,
Ou mude de profissão;
Que o governo tem função
Mais nobre a desempenhar:
Gente p'ra qualificar
E os preparos da eleição.

CLI

A ronda foi num cargado,
Que já tarde se alcançou;
Nniguem d'ali se afastou
A ver que se accommodasse
A tropa e enfim se deitasse
O que muito demorou.

CLII

A noite tornou se escura,
Nenhuma estrella no céu;
De repente um escarcéo
Brotou ali n'um costado:
Era um matungo enredado
Nas rodilhas de um sovéo.

CLIII

E' n'um vá, deu-se o estouro!
Que parecia taquara
Estralando na coivara
N'um fogo que o vento atêa,
Amigos, é coisa feia
Quando uma tropa dispara!

CLIV

Era só aspa batendo
No meio da escuridão,
Tropel das patas no chão,
Os gritos de — volta! volta!
Como um raio que se solta
Do ribombo de um trovão,

CLV

Nas trevas da negra noite
O gaucho destemido
Corre, seguindo o ruído,
Sem medo ou temor da morte;
E vai, sem rumo e sem norte
Guiado só pe'lo ouvido.

CLVI

Não tem que esperar soccorro
N'aquelle immenso perigo;
No cavallo tem o amigo
Em quem se pôde fiar
E, no mais, é atropelar.
Contando apenas comsigo.

CLVII

*Dês que a tropa dá o estouro
 Não tem que fazer mais conta,
 E' ter a decisão prompta,
 Bater na marca sem susio,
 Até que, com muito custo,
 Consiga chegar á ponta.*

CLVIII

*Nisto é que está o busilis,
 Que não depende de ensino:
 Saber tomar um destino
 E não se apertar no apuro,
 Poder guiar-se no escuro
 E nunca perder o tino.*

CLIX

*Durante a manhã seguinte,
 Foi chegando de vagar
 O que se poudé atacar
 N'aquelle esparramo louco,
 Que não faltava tão pouco,
 Viu-se, depois de contar.*

CLX

*O dia estava perdido,
 Por-se a tropa em pastoreio,
 A fim de pedir rodcio
 Nas estancias de mais perto,
 Que o que faltava, por certo,
 Estava n'aquelle meio.*

CLXI

*N'isto apontou na coziha
 N'um passito demorado,
 Com sua ponta de gado
 O nosso Lauterio velho:
 Vinha rebotaando o relho,
 No seu tubano cançado.*

CLXII

E quando chegou mais perto,

Gritou, no tom folgazão,

—Virou-se o barco, patrão?

—Qual é a falta que tem?

—De trinta, se contei bem.

—Pois, esses trinta aqui estão.

CLXIII

D'ali a umas oito quadras

Uma pequena invernada,

Toda de pedra cercada,

De um tal Maneca Vintem,

Quadrava-se muito bem

P'ra uma encerra bem folgada.

CLXIV

Depois de acertar-se o preço

C'o dono que era gallego

E que tirava o pellego

De um pobre necessitado

Tudo ficou arranjado

P'ra uma noite de socego.

CLXVI

A encerra foi feita cedo,

Pois que não faltava pasto,

Para aproveitar o gasto.

E dar um descanso á gente

Que, apesar de ser valente,

Já vinha meio de rasto.

CLXVI

O tal dono da invernada

Tinha tambem um boliche

Negocinho muito miche,

Fumo, cachaça e mais nada:

E, de noite, a peonada

Veio ali, de ponto fixe.

CLXVII

Disse um: isto está mui triste,
 Com arcs de cemiterio;
 Não é p'ra jogar o serio
 Nem p'ra rezar por defuntos
 Que nós aqui stamos juntos.
 Que le parece, Lauterio?

CLXVIII

Que vancês querem a historia
 E pensam qu'inda sou frango.
 Eu por isso não me zango
 Porque gosto de cantar.
 Mesmo é preciso acabar
 A historia do tal Chimango.

CLXIX

Um dia... ansim de repente,
 Esta noticia correu:
 —O coronel Prates morreu!
 A muitos custava a crer;
 Como havia de morrer,
 Se elle nunca adoeceu?

CLXX

Foi um choque em toda a parte,
 Ninguem por tal esperava;
 O coronel se finava,
 Sem que o soubessem doente;
 E ansim foi que muita gente
 Ao principio duvidava.

CLXXI

Infelizmente era certo,
 Foi um desgosto geral;
 Ninguem sabia do mal
 De que o coronel soffria,
 E que elle talvez encobria
 Por saber que era fatal.

CLXXII

Toda a Estancia de S. Pedro
Ficou como atordoada
Si ha morte que foi chorada
Devia ser como aquella;
Quando a gente pensa n'ella
Parece um sonho e mais nada.

CLXXIII

O coronel tinha feito
Em vida o seu testamento;
E foi o seu pensamento
Deixar tudo repartido
Aos que le tinham servido
Com grande devotamento.

CLXXIV

P'ra não dividir-se a Estancia,
Ao tempo em que fallecesse,
Que a peonada escolhesse,
Dentre si o mais sizudo,
Que este administrasse tudo
E que o resto obedecesse.

CLXXV

N'aquelles dias tão tristes
A Estancia marchava a esmo,
Ninguem cuidava em si mesmo,
Era tudo pranto e luto;
Mas, o Chimango era astuto
E foi juntando o torresmo.

CLXXVI

Como capataz que era
Tinha a sua camarilha,
Que escorava de forquilha
Seus projectos de ambição;
A quem tem poder na mão
Nunca lhe falta a matilha.

CLXXVII

E o acaso aproveitando,
 N'aquella situação bruta
 De andar longe em recruta,
 A peonada mais guapa,
 Tomou tudo e até a inhapa
 Sem ter trabalho nem lucta.

CLXXVIII

Fez um simples arremedo
 De proceder-se a uma escolha,
 C'um grupinho muito rolha,
 Que ageitou ali por perto;
 E até houve algum esperto
 Quo se assignou n'essa folha.

CLXXIX

E os outros, que estavam longe,
 Quando tiveram noticia
 De toda aquella pericia
 Com que se apossou da Estancia,
 Tiveram repugnancia
 D'irem queixar-se á policia.

CLXXX

E tudo ficou por isso!
 Até parece mentira
 Que semelhante mambira
 Assim passasse o boçal
 E atasse tanto bagual
 C'um cabrestinho d'imbira.

CLXXXI

Logo a principio o Chimango
 Vio-se todo atarantado,
 Pois quem sempre tem andado
 A comer por mão alheia,
 Em qualquer cipó s'enlêa,
 E fien logo enredado.

CLXXXII

Quem nasce p'ra ser mandado
Já traz marca na picanha;
E não dança a meia-canha
Sem que outro toque a viola;
Sempre a cabresto e na cóla;
Andar só é que elle extranha.

CLXXXIII

Antigamente, da Estancia
Um certo José Turuna
Que havia feito fortuna
Do coronel protegido,
P'ra outros pagos tinha ido
Morar nos campos da Tuna.

CLXXXIV

Era um gau'cho atrevido
Quer de a pé, quer de a cavallo;
Cola atada ao cantagallo;
Prata em penca na gualaca,
Dispondo de mnita vacca,
Levava a vida em regalo.

CLXXXV

Tinha uma estancia accada,
Galpão coberto de zinco,
Mangueiras, tudo era um brinco;
Não perdia uma carreira;
Se um le batia — primeira, —
Ja tinha — o cincoenta e cinco.

CLXXXVI

Astuto por natureza,
Com fama de valentia,
O certo é que elle sabia
Impôr e'um ar soberano
E sempre ganhar de mano
No jogo em que se mettia.

CLXXXVII

Tinha atrevimento e sorte
 E muita liga consigo;
 Geito de caudilho antigo;
 Por bom modo ou a sopapo,
 No que não fosse bem guapo
 Punha logo pé-de-amigo.

CLXXXVIII

Sobre a estancia de S. Pedro
 Fundava grande esperança
 De a receber por herança,
 Por morte do coronel;
 Mas, sem fazer arranzel
 Deu outro geito na dança.

CLXXXIX

Fez que não deu pela coisa
 Armada pelo Chimango;
 Sabia que aquelle frango
 Esporas mesmo não tinha,
 Não aguardava uma rinha
 Nem sustentava um fandango.

CXC

Fez-lhe muitos cumprimentos,
 Muita festa, muito enguiço;
 Até mandou-lhe um petico.
 E n'elle o dar era raro;
 Gau'cho de muito faro
 P'ra amanuelar um noviço.

CXCI

O Chimango derreteu-se,
 Encheu de vento o bandulho,
 Empanzinado de orgulho
 Por ter aquella columna
 P'ra garantir-lhe a fortuna
 E evitar qualquer barulho.

CXCVII

Tinha achado um grande alivio,
 Um verdadeiro thesouro;
 Quem le defendesse o couro,
 Quem lhe garantisse o mando,
 Ainda mesmo se arriscando
 A ouvir algum desaforo.

CXCVIII

Entre os dois fizeram-vacca
 No jogo e'o a peonada
 E tendo a sorte escorada
 Um em S. Pedro, outro em Tuna;
 Mas, a final, o Turuna
 Foi quem ficou e'o a parada.

CXLV

Nem podia ser por menos:
 Chimango era um pobre rato
 Mettido a jogar e'o gato;
 Como havia de ter lucro?
 C'o aquelle turuna chucero...
 Nem jogo a leite de pato.

CXCV

Os annos foram passando
 E o Chimango no poleiro,
 Combinado e'o parceiro
 E sem mais ouvir conselho,
 Foi levando tudo a relho
 Sem resistencia e folheiro.

CXCVI

Tudo o que era de valor
 D'aquella gente campeira
 Que tinha feito carreira
 Quando o coronel vivia,
 Não vale nada hoje em dia,
 Não passa de bagaceira.

CXCVII

Pobre Estancia de S. Pedro
Que tanta fama gozaste!
Como assim te transformaste
Dentro de tão poucos annos,
De destinos tão tyrannos,
Não ha ninguem que te afaste!

CXCVIII

Qu'ê da tua cavalhada,
Qu'ê d'aquelle lindo gado
Escolhido e bem creado
N'aquelles campos de lei,
Onde o gaúcho era rei
E agora é negro surrado?

CXCIX

Na mão do triste Chimango
O arvoredo está no matto;
O gado... é só carrapato;
O campo... cheio de praga,
Tudo depressa se estraga,
No poder de um insensato.

CC

Os açudes arrombados,
As invernadas abertas;
As varges estão desertas,
Onde o gado andava em pontas;
E ali só se fazem contas,
Por debaixo das cobertas.

CCI

Dizem até que o Chimango,
Apesar de baptisado,
Vive como renegado
E deixou de ser christão;
Que tom outra religião,
Na qual anda enfeitado.

CCII

E n'essa tal bruxaria,
Em vez de Nossa Senhora,
Uma outra mulher adora
Que tem um nome estrangeiro;
(Em portuguez é — terneiro —,
Segundo ouvi cá por fora.)

CCIII

Dizem que é boa irmandade,
Mas, eu que nada sei disto,
Me vou ficando com Christo
E e'ó a virge do Rozario;
Pois que neste mundo vario
Muita coisa se tem visto.

CCIV

Porém, da tal novidade
Muito gandulo aproveita
E tem logo a cama feita,
Si se diz da devoção;
Si é desta laia o peão
O Chimango não regeita.

CCV

Com a tal religião nova
Tudo é possível fazer;
Basta o Chimango querer
E não ha mais embaraço;
Quem resmungar vai p'ra o laço,
Pois a regra é obedecer.

CCVI

E ansim, tudo na Estancia
Vai mermando de vagar,
Tudo de pernas p'ra o ar,
Nem tem mais vergonha a gente;
Mas, o Chimango... contente
Que é coisa de admirar!

CCVII

E tudo mais em S. Pedro
Vai morrendo, pouco a pouco,
A manotaços e a sôco
Rolando para um abysmo;
Pois c'ò tal positivismo,
O home inda acaba louco.

CCVIII

O desmando vê-se em tudo,
Não é só na criação;
Parece, por maldição
Que deu-le o tangolomango,
Pois, até quer o Chimango
Que não se plante feijão.

CCIX

E se plantar, não se venda;
Quem o vender vai p'ro rol;
E isto é feito á luz do sol,
Que ansim quer o seu capricho!
Feijão é p'ra criar bieho
E apodrecer no paiol.

CCX

Deu-lhe a veia p'ra embirrar
Com tudo o que põem-se á mesa;
Até a batata ingleza
Das iras não lhe escapou.
Quanta batata grelou
Ninguem sabe com certeza.

CCXI

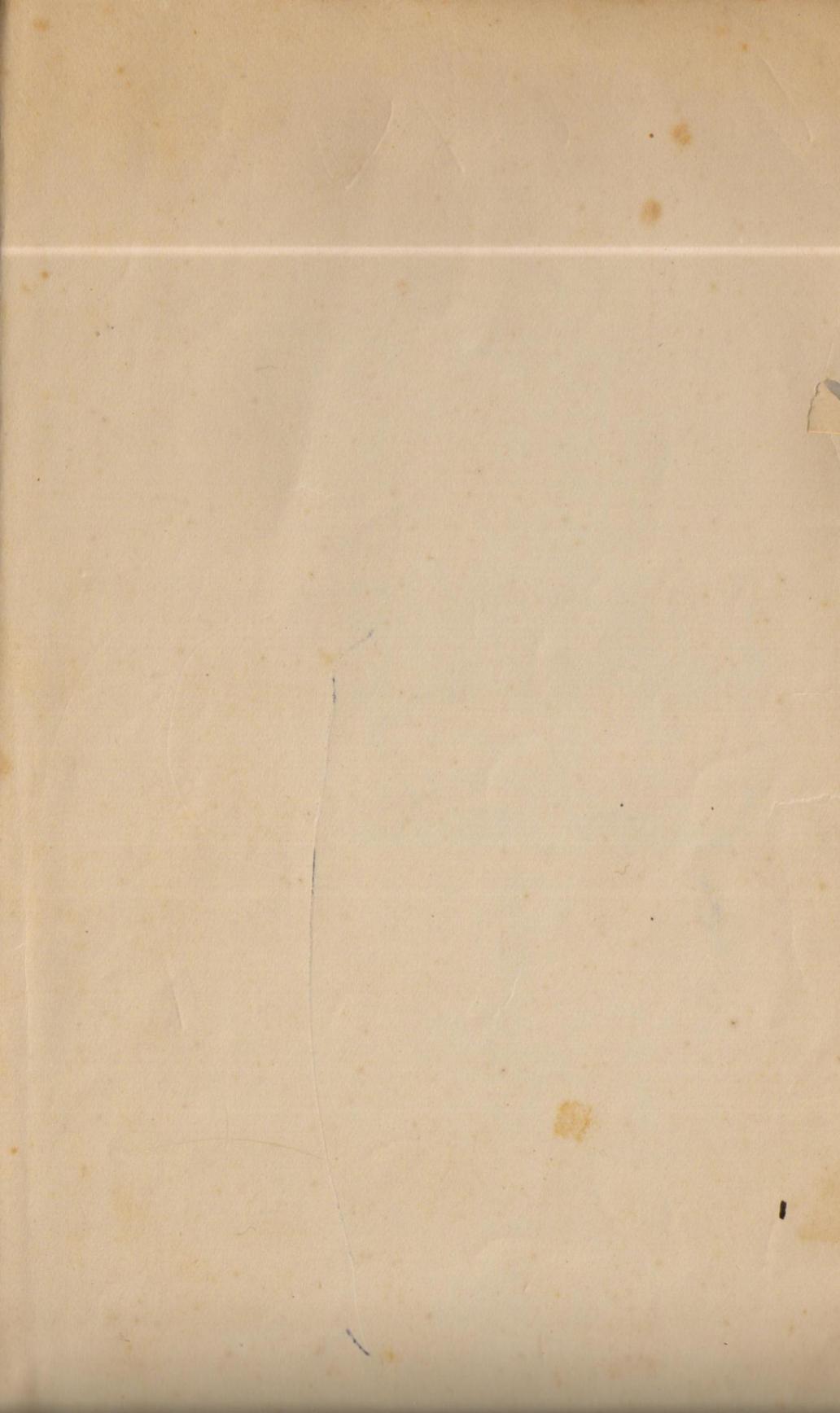
Os seus pobres agregados
Não sabem mais que plantar,
Pois não cessa d'embirrar
C'ò feijão, batata, arroz...;
Só falta que elle depois
Não deixe a gente carnear.

CCXII

Ninguem dizer sabe ao certo
Quando isto ha de ter um fim,
Que a continuar tudo ansim,
Como agora tem andado,
Mande esparramar o gado,
E faça arrancar o capim.

CCXIII

E aqui le ponho o arremate
Na presilha desta historia,
Que um outro tenha a victoria
De cantar n'algum fandango
O mais que fez o Chimango
P'ra levar S. Pedro á Gloria.



✓ 300h